

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO.—I As tres formas principaes da organização republicana. por **Sylvio Romero**—II Poesias, por **João Ribeiro**.—III Da educação, por **Herbert Spencer**.—**Bibliographia Brasileira**.

As tres formas principaes da organização republicana

I

A ninguem é dado mais illudir-se sobre as aspirações republicanas do povo brasileiro. Não assistimos agora a uma propaganda mais ou menos vasta, mais ou menos convenientemente dirigida.

Presenciamos uma evolução irresistivel que vae penetrando todas as camadas da sociedade, arrastando todos os espiritos, avassallando todas as resistencias. A monarchia já sentiu o estuar da onda que se lhe avizinha; as primeiras sal-sugens já lhe salpicaram as faces, e ella, previdente e egoista, já se poz em guarda, assumindo a attitude da defeza. Ora, um governo que sente necessidade de descutir e apadrinhar os seus proprios titulos é um poder que começa a capitular.

E' o que evidentemente vae pondo em pratica o actual governo brasileiro.

Hoje quem busca, quem lamurienta adhesões não somos nós os republicanos, é ella a monarchia; quem perambula, quem faz viagens e romarias não é o Sr. Quintino Bocayuva, é o Sr. Conde d'Eu.... Faz este agora o papel, estranho na historia, de um principe *itinerante e propagandista*; — mas a propaganda muda dos principes semelha-se muito ao officio dos mendigos; imploram misericordia, como outros supplicam esmolas.

A aspiração republicana é certamente o facto prédominante da vida politica do paiz no momento actual; estudar-lhe as origens, indicar-lhe as tendencias, definir a formula que ella deva assumir, é agora o dever dos publicistas, ia dizendo, o dever de todos os espiritos prévidentes e patrioticos.

Sem titulos para pretender o primeiro d'estes qualificativos, não cêdo a ninguem o direito que possúo ao segundo d'elles.

Tal a razão, e tal o genesis do presente escripto.

A agitação republicana do Brazil, hoje representada por tão grande numero de portadores, que estes já chegam para dividir-se em dois ou tres matizes principaes, é apenas um caso particular da evolução da democracia nos tempos modernos e nomeadamente na segunda metade de nosso seculo.

A marcha ascendente das camadas populares, sua fatal tendencia a supplantar as velhas instituições da monarchia, da nobreza militar, da cleresia, e da propria classe media, é um d'esses postulados da historia universal que só a fanaticos ou a ignorantes é dado desconhecer.

Não se trata de saber aqui si isto é um bem ou é um mal; affirma-se que é o facto inevitavel, inilludivel, termo necessario da evolução total da humanidade.

Da democracia, da extincção de todos os privilegios, do advento do quarto estado á supremacia, pelo numero e pela pujança,—sahirá no futuro alguma outra forma social mais vasta e mais progressiva?—Eu o creio bem; mas este é o segredo do porvir. Volvamos os olhos para o presente; é ahi o nosso ponto de observação.

Ainda hoje, á vista da resistencia que a instituição monarchica tem opposto á sua eliminação do mundo, existem espiritos que julgam a questão de monarchia ou republica uma simples disputa escolastica de principios abstractos sobre formas de governo. Esquecem-se elles de uma cousa essencial que jamais devêra sahir-lhes da cabeça, e é que as formas, as creações, os institutos politicos são representações do estado intimo, da estrutura ultima da vida social dos povos.

Ora, o *rythmo social* é hoje para a democracia sem a menor sombra de duvida.

A illusão provem de dois factos apenas: a desigual democratisação dos differentes povos, e a falta de homochronismo entre a evolução social e a evolução politica.

Nem todas as nações occidentaes attingiram ainda a um igual progresso de força e saber nas classes do quarto estado, no immenso proletariado anonymo; nem, por outro lado, até entre aquellas que mais avançadas se acham n'esse caminho, as instituições politicas receberam já o inevitavel choque que as ha-de transformar.

Mas esta transformação mostra a fatalidade das leis mecanicas. Quando a democratisação fôr completa na ordem social, a forma republicana, sua natural expressão na ordem politica, impôr-se-ha por toda a parte, e isto não vae talvez muito longe.

Não me incumbe a mim traçar agora um quadro dos negocios humanos por este lado para mostrar na balança da historia como as camadas populares subiram, e as classes privilegiadas desceram. Tenho horror aos logares communs, e, por isso, peço a todos aquelles que estudaram questões politicas, em suas diversas ramificações, que vejam si não lhes está bem vivo na memoria o facto d'essa ascensão, que é unanimemente attestada por economistas, philosophos, historiadores, criticos e jurisconsultos; que se pode aprender em Adam Smith ou Beaulieu, em Spencer ou Mill, em Gervinus ou Thierry, como em Renan ou Scherer, em Gneist ou Laurent; que é um resultado da queda do velho pontificalismo religioso, do absolutismo real, do feudalismo aristocratico, da emancipação das communas, da formação das *hansas*, da descoberta da America, da Reforma protestante, e ainda mais das grandes invenções industriaes da imprensa, da bussola, do vapor, do telegrapho, das machinas de todo genero, que vieram reforçar os braços dos proletarios e accender o entusiasmo e a esperança no coração do povo.

Esta lição anda em todos os livros, impõe-se até áquelles que, por educação ou por indole, amam as attitudes moderadas, e arreceiam-se dos excessos da democracia.

N'este caso acha-se o grande critico Edmond Scherer, francez illustre, ha pouco fallecido, superior a Renan e a Taine, como illustração, vigor de pensamento, e lucidez de espirito, e a quem só faltou a habilidade do *reclame* para ser tão famoso como elles.

Em seu excellento opusculo—*A Democracia e a França*,—feito no intuito de assignalar á democracia franceza alguns de seus vicios e riscos, o insigne escriptor, depois de valentemente os indicar, assim se exprime: « Que pretendi eu apontando os inconvenientes, indicando os escolhos da democracia?—Combater-a? Infamar-a? Bem longe d'ahi. Não possúo o sestro de esgrimir contra os factos, convencido de ser-lhes isto de todo indifferente, nem

de irritar-me contra elles, o que os toca ainda menos. A questão, em meu pensar, é saber si a democracia está na logica da historia; depois do que restará somente aos homens de senso firme vencer as reluctancias dos timidos, reconciliando-os com o inevitavel, e resfriar nos fanaticos um entusiasmo necessariamente votado a decepções.

A certeza do futuro democratico das sociedades é um facto, cuja convicção profunda fica sempre a baixo da positiva realidade. A democracia não é uma *theoria*; não é uma instituição que se levante ou se abata; é um *estado da sociedade originado da historia dos povos e da natureza das cousas*.

A democracia é a consequencia d'um desenvolvimento industrial e intellectual, que, outorgando ás massas a consciencia de sua força, ensinou-lhes ao mesmo tempo o emprego d'ella. Existe n'isto alguma cousa de inevitavel, uma lei contra a qual é tão vão protestar quanto perigoso lutar. *A democracia fará a volta do mundo. Ou a temam, ou a desejem, todas as nações civilisadas encaminham-se para ella.*

E' tão certo isto que todos os regimens politicos sucessivamente adoptados pelas sociedades modernas podem ser considerados outras tantas evoluções no sentido democratico. O systema representativo era um correctivo opposto ao poder absoluto. O privilegio de votar os impostos e por tanto de recusar os subsidios transformou pouco a pouco o regimen representativo em governo parlamentar. A monarchia parlamentar, por seu turno, foi-se modificando pela extensão gradativa do direito eleitoral. Chegada ao suffragio universal, a democracia toma posse inteira de seus meios de acção, e o poder hereditario deixa o logar á Republica. Esta, por fim, tem tambem suas phases e encaminha-se para uma applicação cada vez mais completa dos principios que a originaram. A democracia tem o dom de excitar sentimentos extremos. Uns encheram n'ella um cataclismo social e falam a seu respeito no mesmo tom em que se falaria do fim do mundo. Inspira a outros um fervor que semelha-se com a fé religiosa. E', aos seus olhos, a realisacão dos mais bellos sonhos da humanidade, o advento da idade de ouro na terra. Aqui, velhos que prantêam a ordem de cousas

a que estavam habituados; alli, partidarios que imaginam assistir á revelação do absoluto.»

Scherer collocava-se no relativo; indicava os defeitos e procurava tirar partido das vantagens da formidavel força que o nosso seculo foi chamado a incitar e dirigir.

Na velha Europa a evolução está feita na industria, na vida economica, na litteratura, na esphera social; por toda a parte, menos na Russia.

Na Suissa e na França, já attingiu as *formas politicas*. Na Hollanda, Belgica, Suecia, Italia, Inglaterra, Hespanha e Portugal a evolução, mesmo por este lado, vae adiantada. A Allemanha e a Austria, pela necessidade de defenderem-se contra a Russia, chegarão depois. A prova mais eloquente, e que em geral tem escapado aos que tratam d'este assumpto, da adiantada democratisação social dos povos europeos, democratisação que ainda os não republicanisou todos politicamente devido somente a causas historicas retardatarias, está no facto singular de, sendo elles *monarchias* na Europa, fóra d'ella não poderem fundar senão *republicas*!... E' o caso da America e vae ser em breve o da Australasia.

Na America fez excepção apenas o nosso Brazil, e aqui tocamos o ponto central d'este escripto:—as causas d'esta excepção e a singular fraqueza d'estas causas.

II

Não ha na historia espectáculo mais comico do que o sério estolidido que mostraram hontem, ou mostram hoje, os monarchistas brasileiros na defeza de seu systema, como si este fosse uma obra d'elles, ou siquer dos seus antepassados!..

Que se defenda *unguibus et rostris* aquillo que custosamente se edificou, aquellas construcções da historia que mostram impressas nas faces os signaes da força, do trabalho, do heroismo de gerações inteiras que morreram para lhes dar vida, é digno e é meritorio. Que se defenda uma instituição que nasceu de um *mal entendu*, de um *calembour* da historia, filha do medo, da protervia e do acaso, é a maior das singularidades do tempo presente. A monarchia brasileira não é um producto

original de nosso solo, de nosso labor, de nossas luctas, das forças agentes de nossas tradições; é apenas a resultante da relaxação dos nervos de João VI, da pusillanidade de seu animo, da fraqueza de seus sentimentos.

Tivera sido elle um *homem* em vez de um poltrão corôado e teria ficado em sua patria, teria feito frente a seus inimigos, e a independencia do Brazil não se teria complicado com o trambolho de uma côrte de fugitivos, que deixou malignos rebentos n'este sólo. Ah! fuga maldita, — já tens feito correr e ainda farás jorrar talvez o sangue brasileiro!

E' admiravel que a covardia de um principe seja por oitenta annos o embaraço á constituição e ao progresso de um povo.

Como quer que seja pesada esta vergonha, ella não tem bases sérias em nossos corações, nem no amago de nossa historia. O povo brasileiro não desmente a lei geral da democratização das nações occidentaes da Europa e d'America. A população colonial foi constituida de individuos do terceiro estado a que se alliam escravos indios e negros; a realesa ficava longe e os raros representantes da classe nobre, já de si bastante decadente, desfructavam empregos e sinecuras, accumulavam riquezas e iam desfructual-as no reino.

Não deixavam raizes no paiz, a não ser, ás vezes, alguns *bastardos* que tinham das mulatas e caboclas. Logo no segundo e no terceiro seculos da colonia a guerra contra os *hollandezes*, os movimentos dos *Mascates*, dos *Emboabas*, de *Beckman*, da *Inconfidencia*, mostraram bem claramente a pujança democratica da população.

Em nosso seculo, a propria independencia aniquilando os restos da nobresa portugueza; as revoluções do tempo da Regencia, abatendo os caudilhos das provincias; a guerra de Rosas e do Paraguay, pôndo em contacto brasileiros de todas as zonas e levando os filhos do paiz a vêrem com os proprios olhos o progresso das republicas visinhas; a inoculação de imigrantes, sahidos do proletariado europeu, e espalhados pelas provincias do sul e em geral por todas as cidades do littoral o commercio constante com os Estados-Unidos, especialmente na região amasonica; a assimilação perenne da litteratura revolucionaria estrangeira; a instru-

ção mais espalhada, levando os jornaes por toda a parte; tudo isto, e outros tantos factos que deixamos de notar, são fontes da evolução e progresso democraticos.

Existem, porem, razões ainda mais profundas, impulsos mais poderosos. Estes são a propria constituição ethnographica de nosso povo, especialmente apreciado sob o ponto de vista economico da escravidão e do predomínio politico e social. E' uma historia de hontem conhecida nas suas linhas capitaes. Representemo-nos os factos como elles se deram. Algumas centenas de plebeus portuguezes foram se collocando em pontos diversos da costa e constituindo as feitorias, que tinham de ser os nucleos de onde haviam de sahir os povoadores de nossas actuaes provincias. Lançavam mão dos indios que podiam sujeitar, e os reduziam á escravidão!

Oppondo estes resistencia muitas vezes, recorreram os colonos a africanos que foram tambem reduzidos á escravidão.

D'ahi sahiu a gente brasileira. Não pôde haver origem mais humilde; a democracia aqui rompe dos berços. Mais tarde os captivos de raça indigena foram emancipados e incorporados á população civil; mais tarde ainda os escravos de raça africana fôram emancipados e incorporados tambem á população civil. Ora, a entrada do proletariado agricola e industrial na vida geral da nação é justamente o que se chama o reinado da democracia, e á nossa falta sómente por emquanto a consciencia nitida de sua força.

« A emancipação de todos os que são oprimidos e soffrem é o grito do seculo. a força d'estas idéas sahiu victoriosa de poderosos interesses e de instituições profundamente enraizadas, tal como succedeu com a abolição da servidão e das corveas na Europa e com a emancipação dos escravos nas duas Americas. E' esta a grande corrente de nossa epoca. O poder da fé e das convicções, a energia das resoluções, a vista clara do alvo a attingir e a perseverança do devotamento *acham-se presentemente no campo democratico*: e são estas as qualidades que dão a um movimento historico um caracter providencial, o caracter da irresistibilidade. »

São palavras de Gervinus, o illustre sabio, um dos creadores da critica e da historiographia allemãs em nosso tempo.

O insigne auctor é n'este sentido de uma lucidez inexcedível na sua *Introdução à Historia do Seculo XIX*.

No Brazil, onde a monarchia não brotou dos factos historicos, como a coroação de uma obra secular, como o ultimo termo de uma evolução politica cimentada pelo labutar dos tempos, a democracia deve sem luctas e sem abalos tomar a forma politica que lhe é peculiar,—a republica.—E como ha-de ser organisada esta republica? Eis a questão prévia que deve ficar solvida em todos os espiritos, antes que os estilhaços do throno acabem de voar pelos ares.

Tres são as soluções principaes que o mundo moderno e contemporaneo tem dado até agora a esta questão: duas praticas e applicadas por illustres povos, a terceira ainda puramente doutrinaria e que um grupo de fanaticos pretende impôr ao nosso paiz do alto de sua pretensa sciencia, só excedida por sua incommensuravel presumpção. As tres soluções a que nos reportamos são: — a republica *unitaria e parlamentarista* pelo actual modelo francez,—a republica *federal* ao modo norte-americano ou argentino, extra-parlamentarista,—a republica *unitaria dictatorial* positivista, ideada por Comte, na sua singular tentativa de desnaturar as conquistas politicas e sociaes da Revolução, misturando-as com ideias e creações tomadas á organização catholica, especialmente na interpretação que lhes deram Bonald e De Maistre.

Nós somos pela organização federal. — Um momento julgamos preferivel para o Brazil a organização unitaria; porém nunca pelo estylo parlamentarista francez ou dictatorial positivista.

Ideiavamos uma republica unitaria na organização politica, descentralizada administrativamente, com um presidente eleito por quatro ou cinco annos, sem direito á reeleição, escolhendo os seus auxiliares fóra do parlamento, encarregado apenas de fazer as leis e votar os impostos.

Hoje somos francamente pelo regimen federal. E foram justamente a *carranca positivista* e a *garra do monstro dictatorial* que meteram medo a nosso espirito, nutrido de liberdade e individualismo, de autonomia e disciplina, queremos dizer, de independencia e lucta aprendidas nos bons auctores inglezes e allemães, que nos levaram a retomar o problema, já esboçado

na introdução de nossa *Historia da Literatura Brasileira*, e examinal-o de novo. Somos pela forma federal, bastante forte para garantir a unidade da patria e bastante ampla para não permittir dictadores, a quem o paiz teria forçosamente de mandar cortar a cabeça, logo que elles quizessem representar seriamente seu papel de auxiliares da *auctoridade central reguladora do pensamento e encarregada de manter a paz dos espiritos, acabando com a anarchia mental*.

Defendamos rapidamente a bandeira federal dos suppostos riscos que ella pôde fazer correr ao paiz. Antes, porém, voltamos as armas contra as duas bandeiras que se lhe opoem.

Limitar-nos-hemos a poucos golpes.

A republica unitaria pelo modelo francez teria os seguintes inconvenientes, já sentidos na propria França:

Conservaria a nossa desastrada centralisação politica e administrativa, origem magna do depauperamento das provincias. Armaria o presidente e o seu ministerio de um poder immenso só limitado por um parlamento indisciplinado e turbulento. D'ahi as commoções chronicas, as luctas e talvez o despedaçamento do paiz. Tornaria ainda mais inveterada a pessima intuição commun aos povos ibero-latinos de ser o governo um grande inimigo que cumpre sempre e sempre combater, quando o governo, na intuição germanica e anglo-saxonica, é apenas a synthese representativa dos impulsos sociaes, e uma simples garantia de paz e cultura geral.

Tornaria difficil a eleição do magistrado supremo da republica e daria logar a graves conflictos internos.

Bem comprehende o leitor que estas theses poderiam ser desenvolvidas. A conveniencia da brevidade nos impõe estes limites.

A organização positivista, que os republicanos filiados na escola não têm exposto em todos os detalhes eminencias, sem duvida com o receio de aterrorisar o povo com a visão antecipada das malhas compressoras em que o intentam meter, é ainda mais perniciosa do que a unitaria parlamentarista franceza.

Não vimos aqui discutir o positivismo na sua triplice ramificação de uma philosophia, uma religião e uma politica.

Limitamo-nos agora a uma refutação indirecta, oppondo a esta asphyxiante doutrina o evolucionismo individualista de Spencer. Não conhecemos maior antidoto contra o veneno que intentam propinar á intelligencia brasileira.

Si tivessemos auctoridade espalhariamos por toda a parte os livros do pensador inglez, como reacção ao jesuitismo positivista.

Um fala em nome de uma synthese objectiva da intelligencia, em nome de uma evolução indefinida, de uma differenciação constante das funcções sociaes, protegendo o individuo contra a supremacia do Estado, reduzido a um minimo de poder, como simples garantia de policiamento geral; o outro fala em nome de um subjectivismo pavoroso, em nome de uma evolução já feita em tres *estados*, em nome de um *pontificado supremo*, regulador das crenças e das ideias, em nome de uma hierarchia sacerdotal universal, obediente *au Grand Prêtre*, de uma intuição do Estado modelada por esta anomala organização religiosa.

A organização politica é ahi um corollario d'esta systematisação religiosa; cada estado tem como ella um *chefe perpetuo* direito de com escolher successor e sujeito apenas á sancção do sacerdocio... Nada de eleições, nada de parlamentos, nada de temporariedades.

Deixamos os detalhes aos curiosos que os podem lêr nas publicações da escola. Limitamo-nos a indicar a contradicção intrinseca que corrompe o systema e o torna suspeito aos olhos dos espiritos livres.

Fala na *incorporação do proletariado*, uma das phrases predilectas da doutrina, pensais que seja por amor ás nossas tendencias democraticas, como á primeira vista se poderia suppôr? Enganai-vos. Nos pequenos estados do futuro, uniformes e pautados uns pelos outros, o *patriciato* lá estará para conter o *proletariado*. O *sacerdocio* terá então ensejos de entrar com a sua mediação... Ha n'isto uma liga, uma mistura de socialismo e theocracia capaz de irritar os nervos mais flegmaticos. Mil vezes a intuição anglo-germanica do estado e da sociedade, quer na ordem practica applicada em monarchias, como a Inglaterra e a Hollanda, ou em republicas como a Suissa e os Estados-Unidos, ou nas paginas de publicistas como Guilherme

de Humboldt e de pensadores como Spencer.

Em vez de lêrdes o *Appello aos Conservadores* de Comte, lêde de preferencia *O Individuo contra o Estado* do philosopho inglez. Fareis com isso mais serviço ao vosso cerebro e maiores vantagens á republica.

III

A organização republicana federal, sem *parlamentarismo*, é a que convem ao Brazil. Veja-se bem, sem *parlamentarismo*, dissemos nós, e não sem parlamento. Os positivistas logicos combatem uma e outra cousa, e ellas são bem distinctas. Elles as impugnam pelas preocupações patricias e sacerdotaes de sua seita.

Mas é precisa muita cegueira para esconder que as assembléas deliberativas, sob quaesquer formas no curso da historia, têm sido quasi sempre o paladio das liberdades publicas. Nos esboços da idade-media e nos tempos modernos é esta uma verdade que avulta e impõe-se diante de todos. Só conveniencias retrogradas e absolutistas o poderão occultar.

O governo representativo é e será ainda por muito tempo, até que a sociedade possa directamente agir todos os seus negocios, o governo dos povos modernos.

O proprio parlamentarismo, isto é, aquelle mesmo governo, cujos agentes directores e proeminentes do executivo devem ser tirados do seio da assembléa representativa, devem ser d'ella apenas uma commissão, ficando constantemente debaixo de sua fiscalisação, e não podendo administrar sem o apoio de sua maioria, até este proprio governo, dizemos, funciona admiravelmente entre povos preparados para elle, como a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, a Italia, todos os povos em fim onde germanicos ou latinos puros têm a preponderancia. Naufragam n'elle as nações turbulentas ou fracas, alheias ao senso politico, onde predominam celtas e iberos, indebitamente decorados com o titulo de latinos, como é o caso da França, da Hespanha, de Portugal e do Brazil.

E, mesmo entre estes povos, que seria das liberdades nacionaes, si as assembléas não existissem para contrastar o despo-

tismo regio de que elles são particularmente victimas? •

Qual teria sido a marcha de nossa historia em particular, a que ponto haveríamos chegado, com o poder absoluto, oriundo da carta, nas mãos de um principe astucioso e sem genialidade, como o actual, no longo reinado de cinquenta annos, si não fôra a sombra de parlamentarismo que nos resta, sombra embora, mas bastante forte para levantar-se por cima das manhas régias e asoberbal-as? Respondam os espiritos sensatos e conhecedores do assumpto.

Nos governos monarchicos representativos, como o nosso, preferimos a forma parlamentar como barreira á perpetuidade e á força do poder principesco. Nas republicas federaes, cujo presidente é meramente temporario, e depositario de um poder, limitado em especial pelo Senado • pelo Supremo Tribunal Judicial, a ingerencia permanente do parlamento difficultaria em excesso a marcha dos negocios.

O parlamento faz as leis, vota os impostos, os orçamentos, pode iniciar planos de reforma, elege, em nosso pensar, o chefe do Estado, pode indiciar-o em processo ante o Supremo Tribunal; eis as suas principaes attribuições.

O presidente exercerá suas funcções por seis annos e não poderá ser reeleito senão depois de passados outros seis annos — Uma segunda reeleição será prohibida em absoluto.

Os ministros ou secretarios de Estado serão da confiança do presidente e deverão ser alheios ao parlamento, como acontece na Republica Argentina, em cuja constituição de 1860 se lê, no Art. 91: « Não podem ser senadores nem deputados, excepto se derem sua demissão das funcções de ministro.»

N'esta sabia constituição e na dos Estados-Unidos encontram-se excellentes ideias sobre as attribuições do chefe do Estado, da camara dos deputados e do senado temporario, dos diversos poderes da nação que a Constituinte brasileira, quando organizar a republica federal entre nós, deve convenientemente adaptar a este meio.

Por esses modelos democraticos é que desejamos a nossa organização republicana.

Cumpre-nos agora defender a ideia prin-

cipal desse systema, a ideia mesma da federação. A melhor defesa de uma doutrina está na fraqueza das objecções que se lhe atravessam no caminho.

Os principaes argumentos oppostos ao federalismo brasileiro podem-se reduzir a tres mais singulares: um social, um geographico e um historico.

O social é assim exposto: « O povo brasileiro não tem bastante cohesão, não tem um grande ideal commum que o traga ligado; só um forte poder central o poderá conservar unido.»

E' falso na sua primeira parte e tambem na segunda.

O povo brasileiro pelas suas origens ethnologicas, por suas tradições, por seus habitos e costumes, por suas aspirações, é a nação mais perfeitamente caracterisada da America. Além disto, si taes principios historicos e moraes são insufficientes para trazer-nos unidos, mais impotente seria o governo monarchico, absoluto na sua estolidez, na sua ineptia, na sua falta de ideal, mas excessivamente fraco, como organização, com systema, como mecanismo politico.

O argumento da geographia é este: « O Brazil não é um todo geographico que fatalmente incline-se e propenda para um centro, como a Republica Argentina, dominada toda ella pela bacia do Prata, escoadoiro natural de seus productos. Buenos-Ayres, antes de ser a capital politica, era naturalmente a capital economica da nação. O mesmo não se dá com o Brazil, onde, pelo menos, tres grandes zonas se nos deparam, a do valle do Amazonas, a do S. Francisco, e a das provincias do sul, tres grandes zonas que independem economicamente do Rio de Janeiro. Desapparecido o poder unitario central, monarchico ou republicano, as tres zonas se desagregarão.»

Primeiramente, ha um abuso bem avolumado em fazer depender tudo em politica de simples moveis economicos. Ha motivos ethnicos, historicos e moraes superiores.

Depois, ninguem sonha em impôr o Rio de Janeiro eternamente como capital, si a nação não o quizer.

Poderemos fundar a nossa Washington no planalto mineiro ou goyano.

Não é tudo; essa tal ou qual dispari-

dade geographica, longe de ser um argumento em prol do unitarismo asphyxiante, como se afigura aos nossos adversarios, se nos antolha um motivo poderoso para a organização federal, que se contenta com a mera unidade moral e politica, deixando inteira franquia economica e administrativa. O argumento parece-nos bem fraco.

A objecção historica foi-nos apresentada por um sabio amigo perfeitamente conhecedor da politica europeia e americana e sabedor emerito dos annaes da humanidade. Elle a formulou d'est'arte: «Todas as federações existentes, ou que hão existido no curso da historia, longe de terem sido movimentos centrifugos, foram antes movimentos centripetos; eram estados separados, independentes, que acharam conveniencia em ligar-se e pactuaram n'este sentido. Tal a Suissa, a Austria-Hungria, os Estados-Unidos, a Allemanha, as Provincias-Unidas da Hollanda, etc. No Brazil intenta-se fazer o contrario: deseja-se tomar um grande corpo, um grande todo, que sahio unido das mãos da historia, e fraccional-o pela impaciencia e por amor a theses de politica abstracta.»

Confessamos que ficamos abalado a primeira vez que nosso amigo, cujo nome illustre não queremos agora divulgar, nos falou por aquella forma. Nada lhe retrucamos e pozemo-nos a recordar em mente ás lições da historia. E' verdade que na Europa, depois do fraccionamento operado pela idade media, começou a dar-se um movimento em sentido opposto.

N'esta marcha centripeta determinada pela geographia e pela ethnologia, e mais especialmente por esta com suas profundas affinidades, marcha que chegou até aos nossos dias, as nações chegaram umas á *forma unitaria* e outras á *federação*.

A Hespanha, a França e a Italia servem bem para significar o primeiro caso. A Suissa e a Allemanha o segundo

Isto é certo e até este ponto o nosso contendor tem razão. Mas o que elle esquece é que na historia moderna, especialmente na epoca contemporanea, tem-se dado tambem em mais de uma região um movimento centrifugo na ordem politica.

Accelerado n'uns pontos e escudado em motivos ethnicos, elle tem chegado até á *desaggregação*, como na peninsula dos Balkans, onde dos destroços da Turquia hão-se levantado uns poucos de estados.

Moderado n'outras paragens, elle tem parado na *federação*, como é o caso da Republica Argentina, do Mexico, da Colombia e vae ser a hypothese do Brazil.

Não é, pois, verdade, que só entre nós é que se vae tomar um grande todo e dar-lhe uma estrutura mais livre. O *facto* é vulgar em nosso continente.

Orythmo da historia por este lado tem sido, pois, este: 1º — movimento centripeto, produzindo centralisações exaggeradas n'uns pontos e encontrando uma forma de repouso na *federação* n'outros; 2º — movimento centrifugo, produzindo esphacelamentos n'algumas paragens e achando uma forma de repouso na *federação* n'outras. O termo *federação* entra, como se vê, nos dous membros da formula, como a posição mais natural á organização dos grandes estados modernos.

E a prova está em que na propria França e na propria Hespanha a asphyxia da centralisação já se faz sentir, e muitos ja buscam o remedio na *federação*.

A organização unitaria do Brazil tem levado este immenso paiz á borda da completa ruina.

E' mister dar calor aos membros regelados e fazer circular a vida por toda a parte.

Aqui deporíamos a penna, si, como filho de uma provincia pequena, não nos impellisse o dever de rebater de antemão um desparate que anda já ahi no ar. Alguns intentam formar uma Republica federal com quatro ou cinco ou seis estados, reunindo ás grandes as pequenas provincias. Seria um crime tão infame, que fôra preferivel continuar o Brazil como está a que se praticasse esse attentado. Lembrem-se os sonhadores que as pequenas provincias têm tradições e historia que devem ser zeladas; lembrem-se mais que as menores d'ellas, como Sergipe, Santa Catharina, Parahyba, Alagoas e Espirito-Santo, são maiores do que muitos estados soberanos da Europa; lembrem-se, finalmente, que nos Estados-Unidos, em vez de engolirem os pequenos estados, bem ao contrario foram elles conservados e têm sido creados, além dos treze primitivos, vinte e tantos mais, sem falar nas regiões ainda conservadas na categoria de *territorios*. As nossas actuaes provincias devem ser mantidas, havendo apenas con-

veniencia em dividir Matto Grosso, Amazonas e Pará, logo que a população dellas fôr mais crescida e estiver mais espalhada. Haverá, talvez, tambem accerto em dividir Minas.

Estas divisões, porém, dependerão da vontade das respectivas populações; não deverão jamais ser impostas pelo governo central.

Taes as idéas geraes que julgamos util expender sobre a futura organização republicana de nossa patria, lastimando que alguns correligionarios, aliás prestimosos como propagandistas, ainda que desastrosos como organizadores, estejam a dividir o partido, por amor de suas preocupações e manias escolasticas.

SYLVIO ROMÉRO.

Ao partir.

Eu vou deixar-te : agora é que começa
Da dor occulta a magua declarada
Eu vou deixar-te. adeus! tenho guardada
A nossa antiga e valida promessa.

Hai de levar no coração impressa
A tua imagem palida e maguada!
A fim de que porém não falte nada,
Para que minha dor inda mais cresça.

A' noite, o negro céu indefinido
Ha de lembrar-me o brilho commovido
Do teu olhar sereno e satisfeito,

Emquanto o fero mar, fundo e gemente,
Me lembrará continuamente
As convulsões do meu ferido peito.

1881.

No tronco de um bouquet

Fiz para dar-te
Um bouquet de papoilas e agucenas...
N'elle puz tanto amor e puz tanta arte
Com tal engenho o fiz, que extranhas penas
Esse bouquet devera revelar-te.

Elle sentira
Que eu te adorava loucamente... e que esse
Amor que o abysmo no meu peito abrira
E' tão fundo!... Talvez que t'o dissesse,
E lhe tornasses tu que era mentira

Talvez o espinho
Da mais modesta rosa te ferisse;
Deste-lhe acaso o maternal carinho?
A tua voz naturalmente disse:
Maldito seja desta rosa o espinho!

Ouvidos cerra...
Pois meu amor na terra é semelhante
Ao som cruento d'um clarim de guerra;
Deixa-o morrer n'um cantico triumphante,
Meu pobre amor maldito sobre a terra.

E em toda a parte,
Entre todas as terrenas cousas
Que um solícito engenho nos reparte,
Maldita seja a petala das rosas
Que têm espinhos só para magoar-te.

Deixa aos calores
Do sol murchar o ramo de açucenas:
Antes morrerem n'haste as pobres flores.
Lyrios não dizem quanto valem penas,
Rosas não sabem quanto valem dores.

1886.

...
Agora tudo jaz immoto e quedo...
A tra noite enche o espaço. O rio, lento,
Passa ao fundo do valle e o macilento
Olhar da lua espia entre o arvoredó...

Que prescruta esse olhar? que vão segredo
Elle me arranca ao triste pensamento?
Não sei! scisma talvez... mas tenho medo!
Causa-me horror profundo o isolamento.

Porque tremo? que lagryma sentida
E' essa que ora a face me congela?
Donde veio esse hõrror profundo á vida?

Porque hel de odial-a agora e aborrecei-a,
Eu que fiz essa noite indefinida
Para servir de fundo á minha estrella?

1888.

O adeus de Andromaca

Quando partia Heitor como um soldado
Da aspera lucta ao sanguinoso threno,
Aljofarava o céu puro e sereno
Das Hyádes o pranto immaculado.

Quando ella viu do esposo o ultimo aceno,
O turbinoso coração cortado
Succumbiu soluçante, exasperado
Como ferido ao colchico veneno.

Mais escurece a noite : sobre o liso
Campo troyano traz a voz do vento
O murmulho glacial do cypariso.

—O' Hécuba! ella exclama, e o soffrimento
Subindo á bocca em forma de sorriso
Levou-lhe o ser ao eterno Esquecimento.

1884

Dous momentos

I

*Lydia surprêza e pois que Lydia esperta
E' mais que Lucia e mais do que ella ousada
Disse: — visto ser clara e descoberta
Tua perfidia perderás a amada.---*

*Mas de perdel-a o medo me desperta
Faz-me ante ella cahir, a voz calada,
N'essa eloquencia, que eu julgava certa,
Da minha face em lagrymas banhada.*

*Nada me disse Apenas me enxugando
No fino lenço as lagrimas, austera
Falou-me ao ouvido o lenço me tornando:*

*« Guarda, pois, tuas lagrymas e espéra
Que eu novamente serei tua quando
Acaso fores o que eu d'antes era. »*

II

*Tempos depois... Morria o sol, a espaços
Lavrava o fogo ao longe nos outeiros.
No meu caminho orlado de espinheiros
Surge-me Lydia e atira-se a meus braços.*

*Mas os nossos queixumes verdadeiros
Tinham já frouxos os antigos laços!
E fomos entre os ruidos zombeteiros
Dos passarinhos e dos nossos passos.*

*Com simulada voz sumida e rouca
Ella um sorriso ensaia, tenta e apura...
Mas eu com as mãos a lhe tapar a boca:*

*« Guarda os teus risos, fragil creatura,
Pois pode um riso abrir o carcer, louca,
Onde está minha lagryma segura »*

1888.

AMOR E ROSAS

*Um anno agora faz que em minha casa estavas
Em meu pobre jardim rosas brancas havia.
Por desejal-as, tu nos pés te alevantavas
Para a rosa colher que mais alto floria.*

*Embalde! pois que a tanta altura não chegavas!
Para ajudar-te fui, e quando o braço erguia
E erguia a mão buscando a flôr que desejavas,
Do teu olhar gelou-me a constante ironia.*

*■ Nesse momento, eu tremo, e o galho me escapando
Dispersa pelo espaço as desfolhadas flôres,
Que te vieram cobrir a fronte compungida.*

*— Não é muito, senhora, (eu te disse) attentando?
Que quem amor nos dá partido em muitas dôres
Uma rosa receba em petalas partida.*

1888.

A ETERNA LAGRIMA

*A magua donde vem? De que pura agua
Deriva a tua lagrima dourada,
De que oceano a perola encantada
A' tona sobe? Donde vem a magua?*

*— « Uma lagrima eterna, disse. Trago-a
Dês que nasci, na face pendurada
Seccam todas, mas esta congelada
Fica em caminho por extranha magua.*

*Todos as tem, mas eu, uma sómente.
(E accrescentou depois de breve pausa)
Sonho-a a dormir, quando acordada afago-a »*

*E não mais perguntei. Pois, certamente
Sendo ella flor, espanto não me causa
Que nella exista aquella gota d'agua.*

1838.

Uma historia

*Disseram-me uma vez que vinhas da Allemanha,
Que era teu velho pai um musico inspirado
E que elle imaginava a grande dor extranha
Que havia de sentir miserrimo, isolado.
Se deixasses um dia o solo da Allemanha*

*Temia a intima paz do pensador austero
As prendas feminis que ornavam-te a existencia:
Antes fosses tu feia... antes; o mundo inteiro
Não iria manchar a paz da consciencia
Aquelle intima paz do pensador austero.*

*Quando soube, porém, que deixaste a Allemanha
A hypocondria eivou-o, e triste, abandonado,
Não podendo soffrer aquella dôr extranha,
Voltou-se para patria, a istou-se soldado,
Quando soube que tu deixavas a Allemanha.*

1885

Ao futuro

*Penso, de certo, que ha de vir um dia
Em que eu tremulo e pallido e amoroso
Hei de acordar do somno pavoroso,
Do pesadello d'esta dôr sombria*

*Hei de junto de ti, a face fria
Junto da tua face, no repouso
De nossas almas em profundo gozo,
Contar-te a inteira dôr que me extasia,*

*E me sacode ao abysmo do peccado:
Tal ás vagas d'um mar alevantando
O vento estrugidor. E clâmo, e brado*

*Ajunto as mãos e rézo supplicando
Que chegue, antes que eu morra exasperado,
O dia que ha de vir, mas não sei quando.*

1884

Diamante

Quando as primeiras lagrymas cahiram
Do paraizo sobre a virgem terra
O sorriso de sol que n'ellas erra
Tornou-as em diamantes.

Mas ah! bem pouco tempo reluziram!
▲ sêde humana tanto lhes fez guerra
Que ambicionaram ser o que eram d'antes.

— « Vamos, irmans, disseram pezarosas,
Outro asylo no mundo procuremos.
Fujamos pois; voltar já não podemos
Aquelle estado antigo

Em que eramos as lagrymas das rosas.
Esse funesto sitio abandonemos
Buscando alhures um seguro abrigo »

E os diamantes partiram. Na cidade
▲ voraz gula dos homens retrahida
De novo himpa e de novo reacendida
Gane, estruge, ululando,

Sae a campo (eternal voracidade!)
Perquire o valle e a gruta adormecida
E a floresta, os diamantes pesquisando.

— « Vamos, irmans, disseram novamente,
Terra a dentro! talvez na profundeza
Da aspera rocha exista pura e illesa
A innocencia qual d'antes. »

Mas a torva cubiga irreverente
Rasgando o ventre á casta natureza
Foi descobrir os rutilos diamantes.

1838,

DUAS ALMAS

(IDEA DE J. RAMEAU)

Quando meu pae morreu nasceu meu filho,
Nem se poderam ver, meu pae morrendo.
Suas almas, em tanto, n'um só trilho
Ambas, uma subindo, outra descendo,

Deveriam tocar-se no caminho. . .
Porque no mesmo instante, lastimando,
Eu vi deserto e solitario um ninho,
E outro ninho de subito cantando.

N'uma alegria e n'outra dôr immerso
Não sei qual senti mais: dôr! alegria! . . .
No mesmo dia em que eu cantava um berço,
Chorava a tumba nesse mesmo dia.

Tu, meu filho, meu pae has de lembrar-me,
Tu que o encontraste no caminho santo.
Hei de cantar-vos ambos n'um só carne,
Hei de chorar-vos ambos n'um só pranto.

1389.

Da educação

QUAL É O SABER MAIS PROVEITOSO

(Continuação)

Outro tanto succede com a variedade dos alimentos. As experiencias dos physiologistas demonstraram que não sómente a mudança da alimentação é aproveitavel, mas que a digestão se torna mais facil com a mistura dos alimentos no estomago. E' ainda a biologia que os agricultores devem o conhecer a causada enfermidade chamada *tournis* (1) que todos os annos origina a perda de milhares de carneiros. Sabe-se hoje, de facto, que esta enfermidade provém da presença de um verme parasita que exerce uma pressão sobre o cerebro. Basta extrahir este insecto pelo ponto do craneo, cujo amollecimento indica o lugar em que o parasita se alojou, para que o carneiro se cure quasi sempre.

Uma outra sciencia, que exerce uma influencia directa sobre a prosperidade industrial d'uma nação, é a sociologia. Os homens, que, dia a dia, investigam a situação do mercado financeiro, que passam revista aos preços correntes; que discutem as probabilidades da colheita do trigo, do assucar, do algodão, da lã, da seda; que ponderam as probabilidades de guerra ou paz, e que baseiam, sobre estes dados, as suas operações commerciaes, estes homens tractam de sociologia. Tratam-na de um modo todo empirico, é verdade, e cometendo erros; mas tratam-na, e os seus ganhos e as suas perdas dependem da exactidão das suas apreciações. Não é sómente o negociante, o manufactureiro, que devem guiar-se nas suas transacções pelos calculos relativos á offerta e ao pedido, calculos baseados em factos numerosos e presumindo o reconhecimento tacito de diversos principios sociaes; é ainda o negociante que deve proceder a toda esta ordem de considerações. A sua prosperidade depende sobretudo da exactidão das suas previsões sobre os preços da quantidade existente e sobre o da taxa do consumo. E' evidente que qualquer que se envolva no turbilhão da actividade commercial tem um interesse vital em conhecer as

(1) Especie de mordedura que ataca o gado lanigero.

leis segundo as quaes esta actividade se modifica.

E' portanto importante para todos que se occupam da produccão, da troca e da distribuição das mercadorias, o possuir certas noções scientificas. Todo o homem, que de perto ou de longe se encontra em relação com uma industria (e é o caso de immensa maioria), deve de algum modo ter em conta as propriedades mathematicas, physicas e chimicas dos corpos; terá necessidade de conhecer as leis da biologia talvez, e por certo as da sociologia. O successo ou insuccesso do que nós chamamos a maneira indirecta de o homem prover a conservação de si proprio, ou, noutros termos, a possibilidade de ganhar a sua vida, depende em grande parte do conhecimento d'uma ou mais d'estas sciencias; conhecimento talvez não ponderado e empirico, mas que por isso mesmo não deixa de ser um conhecimento. O que nós chamamos aprender um officio ou um commercio é, na realidade, com um ou outro nome, aprender a sciencia que se lhe refere. Os estudos scientificos são, pois, d'uma extrema importancia, porque servem de preparo para a vida pratica e porque a sciencia demonstrada tem uma immensa superioridade sobre a sciencia empirica. A cultura scientifica não somente é necessaria a cada um para comprehender o *porque* e o *como* das cousas e das operações em que está interessada como productor ou como intermediario, mas é muitas vezes muito essencial saber o *porque* e o *como* d'outras cousas e d'outras operações ainda. Nesse seculo de sociedades por participação quasi todo o mundo, excepto talvez o simples operario, está interessado, como capitalista n'alguma industria que não é a sua. Muitas vezes o seu ganho ou a sua perda depende dos seus conhecimentos, das sciencias que tem relações com esta industria. Ahí temos, por exemplo, accionistas que se arruinaram a abrir uma mina que não produz carvão algum: é porque elles não sabiam que um certo fossil é caracteristico da camada de velho grés vermelho, abaixo do qual não se encontra carvão de pedra. Têm-se feito numerosos ensaios para construir machinas electro-magneticas, com que se contava substituir as machinas a vapor; se quem forneceu o capital para este fim conhecesse a lei geral da correlação e equivalencia das forças, não teriam perdido o seu dinheiro

(1). Todos os dias se veem individuos gastando dinheiro para applicar invenções cuja futilidade podia demonstrar o maior novato da sciencia. Quantas fortunas comprometidas por ensaios tentados para a realisação de qualquer projecto impossivel!

Ora, se já as perdas de dinheiro, resultantes da carencia de conhecimentos scientificos, são tão frequentes na nossa sociedade, quanto não seriam ellas mais frequentes e maiores, no futuro, para os que ficarem extranhos á sciencia? A' medida que os processos industriaes se tornam mais scientificos, o que deve inevitavelmente succeder sob o incentivo da concorrência, á medida que as sociedades de participação se multipliquem, o que por certo ha de succeder, cada um terá ainda mais necessidade de possuir conhecimentos positivos.

O que mais se despreza nas nossas escolas é justamente o que se torna mais necessario na vida. As nossas industria-morreriam sem esta instrucção supplementar que os homens são obrigados a adquirir como podem, depois que a sua educação se julga terminada. E sem esta instrucção accumulada e diffundida de seculo em seculo, fóra do ensino official, estas industrias jámais teriam existido. Se nunca tivesse havido entre nós outro ensino além do ministrado nas nossas escolas publicas, a Inglaterra estaria ainda como estava nos tempos feudaes. A nossa sciencia, todos os dias desenvolvendo-se, das leis que presidem aos phenomenos, sciencia que nos permite avassallar a natureza ás nossas necessidades e alcançar pelo simples trabalho manual, hoje, gosos a que os reis outr'ora não podiam attingir só uma pequena parte é devida aos estabelecimentos encarregados de instruir a nossa juventude. Os conhecimentos vi-taes, os que fazem de nós uma grande nação, aquelles sobre que repousa a nossa existencia nacional, nunca tiveram o seu lugar á luz do dia no nosso systema de

(1) O trabalho que se exige a uma machina dynamo-electrica não pôde obter-se senão pela transformação ou electricidade de uma somma equivalente de calor ou de trabalho mechanico. A produccão d'este calor ou d'este trabalho exige necessariamente uma despesa correspondente (consumo de metal da pilha ou emprego d'uma força motora qualquer), e esta despesa é geralmente mais elevada que o preço do combustivel que consumiria uma machina a vapor.

educação, e foi preciso ir adquiril-os em humildes e obscuros retiros, enquanto que as instituições oficialmente encarregadas de distribuir o ensino não faziam outra coisa mais do que resmungar fórmulas vãs.

Chegamos á terceira das grandes divisões da actividade humana; e aqui não encontramos preparados elementos alguns para tal fim. Se por ventura, nenhum outro vestigio da nossa civilização, mais do que uma pilha dos nossos livros classicos, ou, melhor, um masso das nossas composições de collegio, chegasse á posteridade, imaginemos o assombro d'um antiquario futuro, vendo que nestes livros e papeis nada indica que os alumnos que se serviam d'elles devessem em tempo algum ter filhos. «Bem! diria elle, isto deve ter sido um curso de estudos para celibatarios. Vejo que a attenção era aqui applicadas a muitas cousas, particularmente sobre a explicação das obras legadas por povos que já não existem, ou pertencentes a outros povos contemporaneos (o que parece indicar que este povo propriamente nada tinha de bom); mas em tudo isto não encontro nenhuma allusão á arte de educar as crianças. Estas gentes não podiam ser tão destituidas de senso que no seu systema de educação deixassem de dar um logar qualquer a um assumpto que implica a mais grave das responsabilidades. Evidentemente era este, portanto, o curso de estudos d'uma das suas ordens monasticas.»

Pois serio serio, não acaso inconcebivel que, dependendo da maneira como nós os educamos, a vida e a morte dos nossos filhos, a sua ruina ou a sua superiodada moral, nunca, nas nossas escholas, se ministrasse a minima instrucção sobre estas materias aos discipulos que amanhã serão paes ou mães de familia? Porventura não é uma inexplicavel anomalia que a sorte d'uma nova geração fique abandonada ao acaso de habitos irreflectidos e de caprichos despropositados, ás suggestões de amas ignorantes, aos preconceitos de avós? Se um negociante entrasse no commercio ignorando completamente arithmetica e a escripturação, rir-nos-iamos da sua loucura; preveriamos as desastrosas consequencias d'este facto. Se, não tendo estudado anatomia, um homem pegasse num bisturi de cirurgia, acaso não ficaríamos nós assombrados

pela sua audacia e cheios de commiserção pelos seus doentes? Mas que os paes emprehendam o papel difficil de educar filhos, sem ter nunca pensado em inquirir quaes os principios de educação physica, moral intellectual que devem servir-lhes de guias, não nos inspira este facto assombroso a respeito dos paes, nem piedade para com as creanças suas victimas!

Aos milhares de seres humanos que são mortos accrescentae as centenas de milhar que sobrevivem para arrastarem saudes enfraquecidas, os milhões que crescem com constituições menos fortes do que deviam ter, e vós tereis alguma ideia do mal causado pelos paes que ignoram as leis da vida. Pensae em que o regimen a que as creanças são submettidas tem uma influencia, boa ou má, sobre o futuro, que ha vinte maneiras de se não enganar e uma só de se não enganar, e me direis a extensão dos males que introduz no mundo o nosso systema de educação perigoso e irreflectido. Decidem que um rapazinho vestirá um roupão curto, de pouca espessura e leve, e que d'esta forma irá brincar ao ar livre, com os membros arroxeados pelo frio. Esta decisão exercerá uma influencia sobre toda a sua vida, quer pela enfermidade, quer pelo enfraquecimento do corpo. Pelo menos vigoroso na sua virilidade do que devia ser, e esta circumstancia torna-se um obstaculo para a sua fortuna e felicidade. As creanças são tambem submettidas a um regimen alimentar pouco variado e muito pouco nutritivo; resentir-se-hão sempre d'isto até á morte, e a sua actividade como homens ou mulheres, será mais ou menos diminuida. Prohibem-lhes os jogos ruidosos ou não lhes consentem (por causa do fato muito leve) que saiam ao frio, ficam assim certos de permanecer abaixo da medida de força e de saude a que a natureza os destinara. Quando os seus filhos ou filhas se tornam fracos e enfermos, os paes chamam a isto uma infelicidade, uma prova a que os submete a Providencia. O cahos que reina em suas cabeças, como nas dos outros, faz-lhes suppor que os effeitos se produzem sem causa ou por causas sobre-naturaes. Nada d'isto é assim. Em certos casos, sem duvida, estas causas são trans-

(Continua)

Bibliographia Brazileira

ANNO II — I DE JUDHO DE 1889 — BOLETIM XI

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

129*—ALVES NOGUEIRA (Dr. Manoel Thomaz, professor do Collegio D. Pedro II) Compendio de Corographia e geographia do Brazil, Leipzig, casa Brockans 1889-16o.

130*—LA FAYETE (Levindo de Castro) Novo vocabulario universal da lingua portugueza—Rio de Janeiro 1889.

131—MACEDO SOARES (Dr. Antonio Joaquim) Diccionario Brasileiro da lingua portugueza Elucidario etymologico-critico das palavras e phrases que, originarias do Brazil, ou aqui populares, se não encontram nos dictionarios da lingua portugueza ou nelles vem com forma ou significação differente—1875—1888—Rio de Janeiro. Typ. de Leuzinger & Filhos—4o com 147 pags. de letra A a palavra *candeieiro*. — Appenso tambem ao fasc. 1 do vol. XIII 1885—1886 *dos Annaes da Bibliotheca Nacional*.

132—PAULA RAMOS (Francisco de) Compendio de physica para leitura 4a edição —Ornado de numerosas gravuras — Rio de Janeiro. Typ. Xylog. de Pinheiro & C. 1889—16o com 1o.

133.—PEDRO AUGUSTO (principe D.) Al-

gumas palavras sobre o quartzo no Brazil. Rio de Janeiro, Typ. G. Leuzinger & Filhos, 31 rua do Ouvidor. 1889. — 8o com 21 pags.

134.—RELATORIO apresentado á assembléa geral legislativa na quarta sessão da vigesima legislatura pelo ministro e secretario dos negocios da guerra Thomaz José Coelho de Almeida.—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 1889.—4o com varias numeraciones e tabellas.

135.—REGULAMENTO da casa de detenção da côrte. Approvado por decreto n. 10,223 de 5 de Abril de 1889.—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 1889. — 8o com 24 pags.

136* SILVA NUNES (Dr.) De la bobeline dans la thérapeutique.—Memoria apresentada no primeiro Congresso de Cirurgia e medicina e lida perante a mesma em 15 de Setembro de 1888—Rio de Janeiro.

137* SOUZA BANDEIRA (Dr. Antonio Herculano) Novo Manual do procurador dos feitos da Fazenda—Rio de Janeiro, 1889.

138 VICENTE DO SALVADOR (fr.) Historia do Brazil, escripta em 1624—Com uma introduccção de J. Capistrano de Abreu—Rio de Janeiro, Typ. de Leuzinger & Filhos, 1889—4o com XXI—261—7 pags. formando tambem o fasc. 1 do vol. XIII 1885—1886 *dos Annaes da Bibliotheca nacional*.

LIVROS COLLEGIAES

A' VENDA NA LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES & COMP.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

- Noções da Historia Universal*, por João Maria da Gama Berquó, professor substituto de Historia e Geographia no Imperial Collegio D. Pedro II, 1 vol. cart. 5\$000
- Geographia Geral do Brazil*, por A. W. Sellin, consideravelmente augmentada por J. Capistrano de Abreu, 1 vol. 2\$500
- Elementos de Arithmetica*, pelo Dr. João J. Luiz Vianna, 3ª edição, 1 vol. 4\$000
- Rudimentos de Historia Universal*, tradução de D. Maria E. Leal, 1 vol. 2\$000
- O Brazil em 1889 — Geographia do Brazil* pelo Dr. Moreira Pinto, 3ª edição consideravelmente melhorada, 1 vol. 3\$000
- Noções da Historia Universal* pelo Dr. Moreira Pinto, 2ª edição correcta e augmentada, 1 vol. 3\$000
- Grammatica allemã*, theorica e pratica, por Emilio Otto, adaptada aos programmas de ensino no Brazil, por Adolpho Neumann, 1 vol. 4\$000
- Diccionario grammatical*, contendo em resumo todas as materias que se referem ao estudo historico e comparativo da lingua portugueza, compilado por João Ribeiro, 1 vol. 4\$000
- Grammatica portugueza*, curso superior, 3º anno, por João Ribeiro, 2ª edição, correcta e augmentada, 1 vol in-12 3\$000
- Grammatica portugueza elementar*, curso médio (2º anno), por João Ribeiro, 1 volume 2\$000
- Grammatica portugueza da infancia*, curso primario (1º anno), por J. Ribeiro 1\$000
- Princípios de composição*, (descrições, narrações, cartas, etc.) por Guilherme do Prado, 1 vol. 1\$500
- Analyse logica e noções de Syntaxe e Rhetorica*, por G. Ch. Raoux Briggs, 1 volume 1\$500
- Curso de Geographia Geral*, etc., pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. 3\$000
- Guia Pedagogica de calculo mental e uso do contador mecanico ou arithmometro no*

ensino elementar da arithmetica, tradução e adaptação ás nossas escolas, pelo Dr. Alambary Luz, 1 vol. 2\$000

Tratado de methodologia, por Felisberto de Carvalho, 1 vol. 2\$000

Arithmetica da infancia e metrologia, por monsenhor C. Couturier, bacharel em sciencias e em letras, professor de mathematicas, 3ª edição, 1888, 1 volume in-32 cartonado 4\$00

Arithmetica das escolas primarias, organizada de accôrdo com os relativos preceitos pedagogicos, por Felisberto R. P. de Carvalho, 1 vol. in-32 cart. 8\$00

Geographia—Atlas, contendo oito mappas, seguida de um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de algumas noções de cosmographia, por monsenhor C. Couturier, 2ª edição muito melhorada pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. 1\$000

Cathecismo da doutrina christã, approved pelo Illm. e Exm. Dr. D. Pedro Maria de Lacerda, por monsenhor C. Couturier, 1 vol. cart. 5\$00

Compendio da Historia Sagrada, dedicado á infancia brasileira, ornado com estampas e mappas, por monsenhor C. Couturier, 1 vol. 8\$00

Diurnal da mocidade christã, dedicado aos filhos e filhas da terra de Santa Cruz, por monsenhor C. Couturier, 1 vol. 2\$000

Explicador de Arithmetica pelos Drs. Eduardo de Sá e Chrokat de Sá, 1 vol. 3\$000

Elementos de Algebra compilados pelo Exm. Sr. conselheiro senador C. B. Ottoni, compendio adoptado pelos estabelecimentos de instrucção superior e secundaria do Imperio do Brazil. Sexta edição contendo a materia exigida pelo programma da Escola Polytechnica, 1 vol. in-8º 3\$

Elementos de geometria e trigonometria rectilinea, compilados pelo Exm. Sr. conselheiro senador C. B. Ottoni. Sexta edição mais correcta e augmentada com numerosas notas e figuras intercaladas no texto, impresso em typo menor, 1 vol. in-8º 5\$000

Noções de historia universal, adaptada ao programma de 1886 pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. 3\$000

Epitome da historia do Brazil, 2ª edição consideravelmente melhorada, 1 vol. 1\$

Rudimentos de Historia Universal, tradução de D. Maria E. Leal, 1 vol. 2\$000

O Brazil em 1889—Geographia das provincias do Brazil pelo Dr. Moreira Pinto, obra premiada pelo jury da exposição pedagogica, segunda edição muito augmentada e ornada de gravuras. Adoptada na Escola Normal da Corte, na Escola Normal da provincia do Rio de Janeiro, na de S. Paulo, etc. 3\$000

Geographia da provincia do Rio Grande do Sul, por Hilario Ribeiro, 1 vol. in-4º 2\$

Curso de geographia geral, segundo o programma de 1887, pelo Dr. A. Moreira Pinto, 1 vol. 3\$000

Noções de geographia geral, pelo Dr. Moreira Pinto, segunda edição, 1 vol. com illustrações 1\$000

Novo methodo pratico e facil para aprender a lingua franceza com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira, 1 vol. 1\$500

Grammatica franceza, por Lhomond, traduzida em portuguez, novissima edição correctea e melhorada, 1 vol. 1\$000

Bellezas de Chateaubriand, do *Theatro Classico* de Regnier e dos discursos e miscellaneas litterarias, de Villemain, 1 vol. de 343 pag. 3\$000

Novo methodo pratico e facil, para aprender a lingua ingleza com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 v. 1\$500

Grammatica pratica da lingua ingleza, pelo Dr. Motta, setima edição, 1 vol. in-16 5\$000

Novo methodo pratico e facil para aprender a lingua ingleza, por Graeser, segundo os principios de F. Ahn, modificado e adaptado á lingua portugueza por Pacheco Junior, 1 vol. in-16, cart. 1\$500

Novo methodo pratico e facil, para aprender a lingua italiana com muita rapidez, pelo Dr. F. Anh, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 v. 1\$500

Novo methodo pratico e facil, para aprender a lingua allemã com muita rapidez e facilidade, segundo os principios do Dr. F. Ahn, por Hugo A. Gruber. Quinta edição correctea e melhorada, 1 vol. cart. 1\$500

Grammatica allemã, por E. Otto, adaptada ao ultimo programma, por Adolpho Neumann, 1 vol. 4\$000

Grammatica da lingua latina, (Primeiro livro de latinidade), traduzida para uso dos alumnos do imperial collegio D. Pedro II, pelo Dr. Lucindo Pereira dos Passos, professor de latim no mesmo collegio. ter-

ceira edição brasileira, 1 vol. in-16 5\$000

Noções de chimica geral, pelo Dr. Martins Teixeira, 1 vol. 4\$000

Tratado de methologia, por Felisberto de Carvalho, 1 vol. 2\$000

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

O inferno de Dante, traducção de J. P. Xavier Pinheiro, 1 vol. com perto de 500 paginas 3\$000

A velhice do Padre Eterno, por Guerra Junqueiro, 2\$000

Requiem, por Drammor, poema, versão portugueza, por Carolina von Koseritz, com um prologo de Sylvio Romero. 1 vol. \$300

Recordações, por W. Allen, 1 vol. \$500

Breves esclarecimentos sobre o Pará, por J. B. Pereira Cabral, 1 vol. \$300

Memorias sobre a cericicultura (arte do fabrico da seda), por José Pereira Tavares, 1 vol. \$400

Factos e rasões—estudos de sciencias naturaes e philosophia liberrima, por Carolina de Haroeva, 1 vol. \$300

Vida e feitos do Dr. Semana 1 vol. \$200

Glorias Portuguezas (Silvestre Pinheiro Ferreira, José Correa da Serra, Duque de Lafões e Marquiza de Alorna), por Teixeira de Vasconcellos, 1 vol. \$500

Lições á infancia, por Manuel Paulino d'Assumpção \$200

Methodo de aprender a ler, pelo alphabeto natural, por José Felipe Pestana, 1 vol. \$200

Flexão dos verbos francezes, por Amaro Sauer, 1 vol. \$300